

Criação de selas de couro na Feira Central de Campina Grande PB: Fluxos materiais e imateriais

Creation of Leather Saddles at the Central Fair of Campina Grande PB: Material and Immaterial Flows

Aryuska Aryelle Santos Sousa da Silva, mestranda, UFCG.

aryuska.aryelle@gmail.com

Gabriel Alves Gomes, mestre, UFCG.

arqgabrielgomes@gmail.com

Julia Teles da Silva, doutora, UFCG.

julitateles@gmail.com

Rabi Ananias Araújo da Silva, mestrando, UFRN.

rabi.araujo.095@ufrn.com.br

Resumo

O artigo investiga os fluxos e transformações materiais e imateriais do couro através da confecção das selas para cavalo em um local considerado principal referência regional para fazendeiros e vaqueiros em relação à produção e restauração das peças que são desenvolvidas na Feira Central de Campina Grande-PB, que é um espaço central da cultura do agreste paraibano e ganha mais diversidade com esse objeto local. Trabalhamos com revisão historiográfica sobre a Feira, bibliografia sobre design sistêmico, culturas tradicionais e material e pesquisa com entrevistas e fotografia. Trata-se de uma tradição que está acabando, mas que integra recursos, práticas e conhecimentos locais, contribuindo para a economia e para a sustentabilidade local, bem como para a manutenção de práticas culturais a cavalo que vão para além da subsistência.

Palavras-chave: Design Sistêmico; Couro; Campina Grande

Abstract

The article investigates the material and immaterial flows and transformations of leather through the making of horse saddles in a place considered the main regional reference for farmers and cowboys in relation to the production and restoration of the pieces that are developed at the Central Fair of Campina Grande-PB, which is a central space for the culture of the countryside of Paraíba and gains more diversity with this local object. We work with a historiographical review about the Fair, bibliography on systemic design, traditional cultures and material and research with interviews and photography. It is a tradition that is ending, but it integrates resources, practices and local knowledge, contributing to the economy and local sustainability, as well as to the maintenance of cultural practices on horseback that go beyond subsistence.

Keywords: Systemic design; Leather; Campina Grande.

1. Introdução

O município de Campina Grande, onde são desenvolvidas as selas, se localiza no agreste paraibano e fica a 126 km de distância da capital João Pessoa. A cidade é conhecida por ter o melhor e maior São João do mundo, no qual boa parte da população se envolve agregando valor às festividades, que é um dos principais agitadores econômicos da região. Polo educacional e tecnológico, a cidade passou a integrar a rede de cidades criativas da UNESCO na categoria Artes Midiáticas em 2021, reconhecimento a uma cidade que sempre valorizou a criatividade e cultura como peça fundamental ao seu desenvolvimento.

A feira central, nesse sentido, desde sua origem, mostrou para além das relações de troca, sua relevância como polo cultural para a região. Ampliando-se para além dos seus limites, entre ruas e barradas, encontram-se os mais diversos produtos e serviços. Nesse sentido, diz-se que tudo o que se procura é possível ser encontrado na feira. Para além do comércio, no entanto, a feira de Campina Grande é um lugar de referência, criação, expressão, sociabilidade e identidade do povo nordestino (Ministério da Cultura, 2022) [01]. Deste modo, compreendendo o valor histórico e cultural da mesma, o Iphan [02] em 2017 concedeu o título de Patrimônio Histórico Cultural e Imaterial brasileiro para a feira central de Campina Grande. Neste espaço rico e diverso foi entrevistado o Sr. Fernandino Barbosa Arruda, que por cerca de 60 anos praticou a arte e ofício de fabricar e recuperar selas para cavalos na feira. A pesquisa de campo foi realizada em maio de 2022 e o Sr. Fernandino veio a falecer alguns meses depois.

O artigo tem como objeto central a descrição da história e produção de Fernandino e sua relação com a Feira Central, a partir do olhar do Design Sistêmico [03]. Em vista disso, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica, que buscou construir uma compreensão sobre a feira e sua importância regional; e sobre as relações entre design sistêmico e tradições populares [04], [05], [06], [07]. Foi utilizado ainda como instrumento metodológico a pesquisa de campo na Feira Central, a aplicação de uma entrevista semiestruturada com o Sr. Fernandino e a realização de registros fotográficos do mesmo e de suas peças.

2. Campina Grande e a Feira Central

As origens da cidade de Campina Grande remontam ao século XVII, após a expulsão e/ou dominação dos indígenas Cariri que ali habitavam. O grande fluxo de tropeiros, boiadeiros e viajantes teria seu início no século seguinte, em decorrência da localização propícia ao descanso dos que se deslocavam entre o litoral e o sertão. Já nesta época, com o início da formação do povoado, apontam-se as primeiras trocas comerciais que dariam origem ao que hoje chamamos de Feira Central. Nesse sentido, o surgimento da cidade se confunde com a formação da feira, que tem sua importância sinalizada por Elpídio de Almeida, em seu livro História de Campina Grande, onde ele explica que a cidade de “Campina Grande não era simplesmente um pouso, um lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal de longa caminhada. Aqui operavam-se as permutas, as trocas comerciais.” (Almeida, 1993. p. 107) [08].

A história da feira e da cidade de Campina Grande se relacionam e se confundem ao longo do tempo, fruto da vocação comercial da cidade e de sua importância regional no setor, que atingiu seu ápice na década de 1930, com o comércio do algodão. Para Andrade (2020) [09], a decadência do algodão, aliada à implantação da malha rodoviária que facilitou a atividade comercial em centros menores (principalmente no sertão) contribuíram para uma perda progressiva do status de Campina Grande como polo regional, levando a cidade a uma

profunda crise econômica. “Até finais da década de 1960 a feira despontava na cidade como uma instituição reconhecida regionalmente e até nacionalmente e a cidade buscava ainda manter a importância comercial para a região” (Andrade, 2020, p. 25). A autora explica ainda que a população passou por um processo de desinteresse e indiferença com relação à feira, que atingiu desde os mais jovens, até os feirantes e comerciantes, que apesar do papel histórico que exerciam, sentiam-se desmotivados a lutar por melhorias, por um lado, pelo descaso da população e por outro, pelo abandono do poder público.

Em paralelo à diminuição do poder comercial, despontava em Campina Grande o desenvolvimento do ensino universitário, com capacidade de atrair pessoas para a cidade de forma tão difusa quanto o comércio. A autora [09], aponta que “Campina Grande concentrou seus melhores esforços na formação de um sólido centro universitário, que gerou naturalmente a modernização da cidade, voltando as costas para as atividades tradicionais, sobretudo a feira” (Andrade, 2020. p. 27). Ela alerta ainda para consequências como a perda de identidade local, geradas por um lado pela população sazonal de professores e estudantes que estavam apenas de passagem pela cidade, e por outro de políticas públicas que visavam ações como a descentralização da feira, numa tentativa de “recuperar” o espaço urbano central. Chegou-se a considerar que o saber da feira e o universitário fossem incompatíveis entre si.

A mesma autora [09] mais adiante atribui à complexa e controversa instituição do “Maior São João do Mundo”, enquanto criação do poder público municipal na década de 1980, o papel de elemento chave para que a população, agora buscando resgatar valores e tradições, voltasse a enxergar a feira como parte significativa e importante na construção da identidade campinense e local de transmissão de tradição, cultura e saberes que a feira de fato é, aliando modernidade e tradição, conforme reforçado por Freire [10]: “A Feira se mantém como uma herança transmitida pelos pais para as novas gerações, resistindo às novas demandas da supermodernidade, se integrado a essas mudanças,” (Freire, 2019. p. 30).

Em outras palavras, Peregrino (2020) [11] também fala da feira como “lugar onde as expressões culturais são reproduzidas e transformadas” e defende que ali ao passo que “se exalta o popular e tradicional e, ao mesmo tempo, defende-se sua dinâmica cultural, seu encontro e interação com a modernização”(Peregrino, 2020. p. 195).

Temos portanto, na Feira Central de Campina Grande, um grande celeiro de comercialização, um reduto que conta a história da cidade mas também um polo de desenvolvimento de produtos locais, conforme propõe Krucken [12]:

Os produtos locais são manifestações culturais fortemente relacionadas com o território e a comunidade que os gerou. Esses produtos são os resultados de uma rede, tecida ao longo do tempo, que envolve recursos da biodiversidade, modos tradicionais de produção, costumes e também hábitos de consumo. (Krucken, 2009, p.17)

É diante deste complexo de saberes e histórias que compõem a Feira Central que desenhou-se este estudo acerca de um dos diversos produtos desenvolvidos ali e cuja importância remonta tanto à história local, através da memória dos tropeiros que por Campina Grande passavam, quanto às atividades contemporâneas, que sofreram atualizações, mas segue gerando uma demanda pelas selas em couro.

3. Fernandino e a produção de selas na Feira Central de Campina Grande

Até o ano de 2022, a produção de selas para cavalos na Feira Central de Campina Grande estava centrada na figura do Sr. Fernandino Barbosa de Arruda, que aos 82 anos de idade e cerca de 60 anos de profissão, era a principal referência regional para fazendeiros e vaqueiros em relação à produção e restauração das peças. A arte e ofício, segundo ele, foi repassada pelo amigo Pedro Celeiro em 1960, logo que chegou a Campina Grande vindo de seu município natal São José dos Cordeiros, e então teve a primeira oportunidade de aprender a produzir peças.



Figura 1: Sr. Fernandino em seu ofício (esquerda) e sua loja (direita). Fonte: Arquivo dos autores.

Inicialmente a prática ocorria no bairro do José Pinheiro e ao longo dos anos ele passou para um ponto na Feira Central. O Sr. Fernandino contou que ao começar na feira, a produção de selas dividia espaço com o comércio de frutas em uma banca dividida com o seu irmão. Com o passar dos anos e com o reconhecimento adquirido ele priorizou a confecção e mudou-se para um ponto próprio ao lado do Cassino Eldorado, no qual permaneceu até o seu falecimento – e até hoje a loja continua com a família.

A produção das peças é realizada dentro da própria loja, dividindo espaço com outros produtos de couro e peças finalizadas. Todo o processo é analógico, tendo como único equipamento mecânico uma antiga máquina de costura a pedal, que de acordo com o Sr. Fernandino o acompanhou desde o início de sua prática. O restante do trabalho, da marcação e corte até a montagem das selas são realizados manualmente com moldes e instrumentos adaptados e desenvolvidos ao longo dos anos de produção.

O senhor Fernandino pode ser considerado o que Richard Sennett chama de artífice, um artesão que tem uma habilidade de fazer artesanal muito desenvolvida, que realiza com muito engajamento. Sennett defende que a atividade do artífice não é puramente mecânica e distante da atividade intelectual: "Em seus patamares mais elevados, a técnica deixa de ser uma atividade mecânica; as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem." (Sennet, 2009, p. 30) [13]

O couro, principal matéria prima utilizada na produção das peças, vem da região da Ribeira, distrito de Cabaceiras, muito conhecido pela produção de couro caprino e com histórico de produção ligada ao cooperativismo e processos de curtimento vegetal, associado a um menor impacto ambiental que os processos de origem química [14]. As selas são confeccionadas a partir de uma matriz de madeira, que segundo Sr. Fernandino, precisa estar o mais parecido e

nas dimensões aproximadas das costas do animal a fim de evitar que o cavalo sofra durante o uso (figura 02 - esquerda).



Figura 2: Cavaletes de produção(esquerda); modelo para corte de couro(direita) .Fonte: Arquivo dos autores.

O couro é cortado manualmente a partir de moldes e as partes são utilizadas para revestir a base e dar forma ao acento (figura 02 - direita).

Os dois principais tipos de couro utilizados são o de boi e de cabra. Nas partes do equipamento que necessitam de um couro mais resistente é utilizado a “Sola” do couro de boi; nas partes internas da Sela, em especial nas partes que estarão em contato direto com o cavalo e acento do vaqueiro, o Sr. Fernandino sempre utilizou o couro de bode, mais macio e que, de acordo com o mesmo, é essencial para que o cavalo e o montador não se machuquem durante o galope (figura 03).



Figura 3: Couro de bode, utilizado na parte inferior da sela (esquerda) e sela pronto (direita). Fonte: Arquivo dos autores.

Sr. Fernandino contou que, ao longo dos cerca de 60 anos produzindo selas, já produziu diversos modelos, mas, atualmente, as peças para vaquejada ou Selote, como se costuma chamar, são os principais produtos comercializados, o que para ele se deve ao fato de que o cavalo deixou de ser um meio de transporte e passou a ser usado majoritariamente para passeios e campeonatos, sendo desnecessário utilizar modelos mais complexos. Ele salientou

que atualmente os principais clientes são fazendeiros, produtores rurais e vaqueiros que usam o equipamento para trabalho, passeio ou para os campeonatos de vaquejada.

Durante a entrevista, o Sr. Fernandino nos mostrou uma sela que ele fez há cerca de 40 anos e cujo proprietário, um fazendeiro de Picuí, trouxe para que ele pudesse realizar a restauração da peça. O processo de restauro constitui-se do desmonte e substituição do couro impróprio, bem como na recostura de todo o equipamento. Ele nos contou que era comum antigos clients retornarem para a realização de restauros, pois o processo sai mais em conta do que adquirir uma peça nova.

Para além do impacto econômico positivo para os consumidores, a disponibilidade do serviço de reparo proposto por esta produção, impacta positivamente também o próprio produtor, que ganha pela implementação da estratégia de servitização (para além da venda de produtos tangíveis), associada à estratégia de gestão de resíduos, conforme proposto por Santos *et al.* (2019) [15] como possibilidades de ações de promoção da sustentabilidade na dimensão econômica. Vale ressaltar ainda que as referidas estratégias reverberam também na dimensão ambiental, tendo em vista a diminuição dos resíduos promovido pelo não descarte da sela.

Quanto à evolução do processo produtivo ao longo do tempo, o Sr. Fernandino contou que trabalha da mesma forma desde os anos 60, sendo o resquício de uma prática tradicional que aos poucos vai sendo esquecida. Nesse sentido, ele nos contou que apesar de gostar do ofício e de ter repassado o mesmo ao seu filho, não desejava que seu neto desse seguimento à arte, desejando na verdade que o neto estudasse e seguisse por outro caminho.



Figura 4: Sr. Fernandino, seu neto e a máquina de costura (esquerda); ele em sua loja (direita). Fonte: Arquivo dos autores.

Em um caso particular de compra das selas de Seu Fernandino temos o cliente José Nascimento, aposentado de 73 anos de idade, que cria animais como boi e vaca, galinhas e cavalos. Desde muito novo possui contato e apreço pelos animais para cultivo próprio. O cavalo representa muito para ele, que desde a juventude tem e sempre comprou selas a seu Fernandino. Segundo Seu José Nascimento, ele já comprou 8 selas no decorrer dos anos e garante que as selas são as melhores e nunca se arrependeu. Ele não comprou nem restaurou selas em outro lugar, pois as outras incomodam no momento da cavalgada, enquanto as peças de Sr. Fernandino conseguem ser melhores ergonomicamente.

De forma alguma ele tem vontade de trocar o cavalo por moto, pois com o cavalo ele tem mais flexibilidade de percorrer os campos para tanger o gado. Quando foi perguntado sobre seu Fernandino ele foi claro de que o conhecia e “que ficava aolado do cabaré da feira” e acreditava que após seu falecimento, a tradição se encerraria com ele.

Além dos clientes antigos, existem muitos jovens criados na zona rural da faixa etária entre 16 a 21 anos que usam e compram selas para seus respectivos cavalos e que compram exatamente a seu Fernandino.

Em uma visita realizada à feira em 2023, os pesquisadores tiveram a notícia do recente falecimento do Sr. Fernandino, mas seu filho e neto estavam tocando a loja de selas, levando a tradição adiante.

4. Considerações Finais

Percebemos que as selas para cavalos desenvolvidas por Seu Fernandino e família são fruto de um conhecimento popular que está inserido em um sistema local, e remete de um lado às origens da cidade de Campina Grande, através dos registros de sua história com os tropeiros da Borborema e de outro à resistência das práticas tradicionais, tanto da zona rural de Campina Grande, quanto das cidades da região. O conhecimento tradicional transforma um recurso natural regional, o couro, em um objeto que carrega muito da história e da cultura locais. Essa tradição, que já foi mais forte, continua viva com os descendentes do Sr. Fernandino.

A criação da sela ocorre com o deslocamento de recursos da região - o couro, conforme explicado, é produzido na própria Paraíba, caracterizando uma produção local com possível articulação em rede, tendo em vista as relações de longo prazo estabelecidas entre os *stakeholders*. A sela gera conexões e fluxos de pessoas, tanto no processo de sua criação quanto durante o seu uso. Embora o uso do cavalo para o deslocamento venha diminuindo, ele ainda é um meio de transporte presente, e mais sustentável que o automóvel, que chega a lugares onde veículos movidos a combustíveis fósseis, mesmo os mais versáteis deles, como é o caso da popular motocicleta, não chegam. Diante do exposto, entendemos que essa produção é sustentável e está inserida em um sistema local.

Por outro lado, apesar da possibilidade de maltratar o cavalo ao ser usado como meio de transporte, o Sr. Fernandino se posicionava contra qualquer instrumento que machucasse o animal e deixava claro que buscava fazer com que as selas fossem confortáveis não só para os humanos, mas para os bichos também. Em uma leitura sistêmica, entendemos que a criação tradicional de selas faz parte da diversidade sociocultural regional, contribuindo para a economia e para a sustentabilidade local, bem como para a manutenção de práticas culturais a cavalo para além da subsistência, como é o caso da vaquejada, das cavalgadas, argolinhas, os passeios ecológicos ou religiosos, comuns na região.

Referências

[01] Ministério da Cultura. **Feira de Campina Grande (PB) celebra cinco anos do título de Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 27 set. 2022. Disponível em:

<<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/feira-de-campina-grande-pb-celebra-cinco-anos-do-titulo-de-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em:

[02] IPHAN. **Feira de Campina Grande (PB) é novo Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 27 set. 2017. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4367/feira-de-campina-grande-pb-e-novo-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acessoem: 11/05/2021.

[03] BISTAGNINO, Luigi. **Design Sistêmico**: uma abordagem interdisciplinar para a inovação. In: DIJON, Moraes & KRUCKEN, Lia (Orgs.), Cadernos de Estudos Avançados em Design: Sustentabilidade II. Barbacena, MG: EdUEMG, 2009, p. 13-29.

[04] SOUSA, Cyntia Santos Malaguti de. **Ecovisões projetuais**: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. Design para inovação social e sustentabilidade: estratégia, escopo de projeto e protagonismo, Rio de Janeiro - RJ, ed. 1ª edição, p. 125-146, 1 jul. 2017.

[05] SUZUKI, Júlio César. **Território, Modo de Vida e Patrimônio Cultural em Sociedades Tradicionais Brasileiras**. In: Espaço & Geografia, Vol.16, No 2 (2013), 627:640.

[06] THACKARA, John. **Plano B**: O design e as alternativas viáveis em um mundo complexo. 1ª edição. São Paulo - SP: Saraiva, 2008. 304 p. ISBN 9788502076952.

[07] SOUSA, Cyntia Santos Malaguti de. **Ecovisões projetuais**: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. Design para inovação social e sustentabilidade: estratégia, escopo de projeto e protagonismo, Rio de Janeiro - RJ, ed. 1ª edição, p. 125-146, 1 jul. 2017.

[08] ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

[09] ANDRADE, M. Oliveira de. **A feira de Campina Grande: tradição e identidade**. Revista Ciências da Sociedade, 4(8), 11-29. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.30810/rcs.v4i8.1382>>. Acessoem: 31/05/2022.

[10] FREIRE, D. D. A. M. de L. **“A feira é chão!”**: práticas inventivas e sociabilidades na feira central de Campina Grande-PB. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2019. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/10177>>. Acessoem: 04/06/2022

[11] PEREGRINO, Lucas N. **NO MIOLO DE FEIRA TEM “MUÍDO”**: A FOLCLORIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR NA PATRIMONIALIZAÇÃO DA FEIRA DE CAMPINA GRANDE. Cidades, memórias e patrimônios [recurso eletrônico]. CHIANCA, L., RAFAEL, Ulisses N. (Orgs.). São Cristóvão, SE : Editora UFS, 2020. 209 f. ISBN: 978-65-86195-16-3

[12] KRUCKEN, Lia. **Design e território**: Valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009. 126f.

[13] SENNET, Richard. O artífice. Rio de Janeiro: Record, 2009

[14] ARTEZA. **Conheça nossa história**. Disponível em: <<https://www.lojaarteza.com.br/conheca-nossa-historia-2>>. Acesso: 09/05/2024

[15] SANTOS, Agnaldo dos; et al. **Design para a sustentabilidade**: dimensão econômica. Curitiba, PR: Insight, 2019. 148 p.